

## Índice

Primeira Parte	11
Segunda Parte	93

## Primeira Parte

Já visitáramos Milão e Génova. Encontrávamo-nos em Pisa há dois dias quando decidi partir para Florença. Jacqueline concordou. Concordava sempre, de resto.

Vivia-se o segundo ano de paz. Não havia lugar nos comboios. A qualquer hora, em qualquer trajecto, os comboios andavam cheios. Viajar tornara-se um desporto como os outros e praticávamo-lo cada vez melhor. Mas, desta feita, em Pisa, quando chegámos à estação, as bilheteiras estavam fechadas, não havia bilhetes nem sequer para os comboios prestes a partir. Lembrámo-nos dos autocarros. Mas nem para os autocarros vendiam bilhetes. Apesar destes obstáculos, jurei a mim mesmo que estaria em Florença antes do fim do dia. Quando viajava tinha sempre obstinações como esta, queria viajar sempre mais e, nesse dia, tornara-se-me insuportável a ideia de esperar pelo dia seguinte para ver Florença. Não saberia certamente dizer porquê, nem o que esperava dessa cidade, que revelação, que apaziguamento. As minhas impaciências eram deste tipo, e eu não procurava esclarecê-las. Depois da resposta negativa dos autocarros continuei a informar-me. Disseram-me que havia equipas de operários que regressavam a Florença aos sábados, pelas seis horas, que as suas camionetas se encontravam estacionadas na praça da estação e que, por vezes, aceitavam passageiros.

Partimos pois para a praça da estação. Eram cinco horas. Tínhamos uma hora de espera. Sentei-me na minha mala e Jacqueline na dela. A praça fora bombardeada e, através da estação destruída,

víamos chegar e partir os comboios. Centenas de passageiros passavam à nossa frente, tensos, transpirados. Eu imaginava sempre que vinham de Florença, ou que para lá se dirigiam e observava-os, invejoso. Já estava calor. As raras árvores da praça tinham a folhagem queimada pelo sol e pelo fumo dos comboios e davam muito pouca sombra. Eu só pensava nas camionetas e o calor deixava-me indiferente. Passada meia hora, Jacqueline disse-me que tinha sede, que beberia de boa vontade uma limonada, que tínhamos tempo para o fazer. Disse-lhe que fosse sozinha porque não queria falhar os operários. Ela recusou e comprou gelados. Comemo-los rapidamente, derretiam-se nas nossas mãos, eram demasiado doces e aumentaram-nos a sede. Estávamos a 11 de Agosto. Os Italianos tinham-nos prevenido de que nos aproximávamos do período de canícula, de que esta chegava em geral por volta do dia 15 de Agosto. Jacqueline recordou-mo.

— Não é nada — disse ela —, se pensarmos no que nos espera em Florença.

Não lhe respondi. Na maior parte das vezes não lhe respondia. O Verão angustiava-me. Era certamente o desespero de nunca conseguir viver de acordo com ele. O tom em que ela me falou desagradou-me.

Por fim, os operários chegaram. Vinham em grupos. Eram pedreiros que trabalhavam na reconstrução de Pisa. Alguns vestiam fatos de trabalho. O primeiro grupo correu para uma pequena camioneta coberta por um toldo que não se encontrava muito longe de nós.

Jacqueline dirigiu-se ao operário que se instalava ao volante da camioneta. Uma mulher, pensava ela, tinha mais possibilidades de convencer do que um homem. Explicou-lhe em italiano — estudara durante dois meses pelo método Assimil, e eu também, de resto — que éramos dois franceses à procura de transporte, que queríamos ir para Florença e que seria muito simpático se nos levasse na sua camioneta. Aceitou imediatamente. Sentei-me a seu lado para ver melhor a estrada. Jacqueline instalou-se atrás. No Ministério das Colónias, eu sentava-me mais perto da janela do que ela. Estes modos tinham-se tornado tão habituais que ela já nem se surpreendia. Era, pelo menos, o que eu pensava. Instalou-se docilmente atrás.

A camioneta era coberta e, nessa tarde, estavam cerca de trinta e seis graus à sombra. Mas estava subentendido que ela não sofria com o calor. Em poucos minutos a viatura encheu-se. Partimos. Eram seis horas da tarde. A saída da cidade estava congestionada, invadida por bicicletas. O motorista praguejava e insultava os ciclistas que passavam em filas, impassíveis, apesar do som da buzina. Passara dois anos em França, quando criança — foi a primeira coisa que me disse —, e falava francês. Irritou-se em francês, porque eu estava presente. E irritou-se muito. E não só com os ciclistas. Não havia trabalho em Florença, era preciso vir procurar trabalho aqui, a setenta e cinco quilómetros. Estava tudo muito difícil para os operários. Não era uma existência digna. A vida estava cara. Os salários eram baixos. Não podiam continuar assim por muito tempo. As coisas tinham de mudar. A primeira coisa a mudar era o Governo. Era preciso derrubá-lo, liquidar o actual presidente. E falou deste último. Ao pronunciar o seu amaldiçoado nome, brandia os punhos num gesto de impotência e de raiva e só retomava o volante a tempo de evitar algum acidente e, mesmo assim, contrariado. A viatura andava às guinadas, o vento penetrava pelas abas do toldo que esvoaçavam como chicotes no ar. Mas ninguém parecia incomodar-se. Pensei que deveria ser todas as semanas assim, todos os sábados, quando o motorista se enervava à saída de Pisa ao deparar com os ciclistas. Eu não tinha medo. Assustara-me tanto perante a ideia de não partir para Florença nesse dia que já nada mais me poderia perturbar, nem mesmo o facto de não conseguir lá chegar. Extasiado, ouvia o motorista.

Pouco depois de sairmos de Pisa, antes de chegarmos a Cascina, ouviram-se gritos abafados debaixo do toldo. Era Jacqueline. Os operários deviam estar a tentar cortejá-la. Os gritos galhofeiros eram facilmente reconhecíveis. O motorista também os ouviu.

— Se quiser — disse-me ele com um ar constrangido —, a sua mulher pode vir para ao pé de mim.

— Não vale a pena.

Ele olhou-me, surpreendido, e depois sorriu.

— Nós, na nossa terra, somos muito ciumentos. Em França são menos, não?

— Sem dúvida.

— Eles beberam uns copos antes de partirem. Hoje, foi dia de pagamento. E por isso... Não se importa, de verdade?

Parecia divertido.

— É natural — esclareci eu —, quando uma mulher se encontra no meio de homens. Sobretudo se beberam.

— É bom não ser ciumento. Eu não consigo.

Os operários riam. Jacqueline soltou um grito mais desesperado. Ele olhou para mim, cada vez mais surpreendido.

— Vivemos muito isolados — disse eu —, nunca vemos ninguém. Assim, causa-me um certo prazer que outros... Enfim, compreende.

— Estão casados há muito tempo, é por isso, não?

— Conhecemo-nos há muito, é verdade, mas não somos casados. Vamo-nos casar. Ela insiste muito, só será feliz depois de casarmos.

Rimo-nos os dois.

— Há muitas mulheres assim, no que respeita ao casamento.

Habitualmente as pessoas satisfeitas com a sua sorte, ou simplesmente sem inquietações, faziam-me sofrer. Mas a ele, suportava-o muito bem.

— O amor — prosseguiu ele — é como todas as coisas, não pode durar sempre.

— Ela é dócil — disse eu.

— Estou a ver — confirmou ele, rindo.

Cascina ficara para trás. A estrada encontrava-se muito mais livre. Ele estava disposto a conversar. Fez-me as perguntas habituais.

— É a primeira vez que vem a Itália?

— É.

— Há muito tempo que está por cá?

— Há quinze dias.

— E então, que pensa dos Italianos?

Fez a pergunta num tom provocador, com uma arrogância um pouco infantil. Depois esperou pelo que eu ia dizer, subitamente crispado, fingindo-se atento à condução da camioneta.

— Ainda não posso saber muito bem — expliquei eu —, não conheço muitos. Apesar de tudo, parece-me difícil não gostar.

Sorriu.

— Não gostar dos Italianos — disse eu — é não gostar da humanidade.

Descontraiu-se totalmente.

— Falou-se muito dos Italianos durante a *porcheria di guerra*.

— E o que é que não se diz às pessoas durante a guerra! — exclamei.

Sentia-me cansado. Ele não se apercebeu imediatamente.

— E Pisa? Pisa é bonita, não é?

— Oh, sim — disse eu —, muito bonita.

— Felizmente, a praça não foi atingida pelas bombas.

— Felizmente.

Voltou-se para mim e olhou-me. Eu fazia um grande esforço para lhe responder e ele percebeu.

— Está cansado — sugeriu.

— Um pouco.

— É do calor — disse ele — e da viagem.

— Pois é — respondi.

Apesar de tudo, queria continuar a conversar. Falou-me de si e, durante vinte minutos, não tive resposta a dar. Disse-me que se interessava por política, depois da libertação, sim, sobretudo depois que fizera parte de um comité de fábrica no Piemonte. Fora o período mais belo da sua vida. Quando dissolveram os comités, desgostoso, regressou à Toscânia. Mas sentia a falta de Milão, «porque era bem animado, Milão». Falou muito desses comités de fábrica, do que os Ingleses fizeram.

— Foi horrível o que eles fizeram, não foi?

Impressionara-o muito. Disse-lhe que fora lamentável. Ele recomendou a falar de si. Agora, era pedreiro em Pisa. Havia muita reconstrução em Pisa. A camioneta pertencia-lhe. Obtivera-a na libertação e conservava-a. Ia falando e abrandava ao atravessar as povoações para que eu pudesse ver bem as igrejas, os monumentos, as inscrições a giz nas paredes: «*Viva il Partito Comunista*.»

Eu observava sempre tão atentamente que ele não deixava escapar nada.

Chegámos a Pontedera. Voltou a falar da camioneta. A maneira como a obtivera preocupava-o um pouco.